

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v15i35.5419>
Licenciado sob uma Licença Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



ANTÔNIO PAIM E A FILOSOFIA CULTURALISTA

Antônio Paim and the culturalist philosophy

José Maurício de Carvalho
UNIPTAN/UFSJ

Resumo: Queremos começar destacando o trabalho de Antônio Paim como professor e orientador, em razão da sua sensibilidade, humanidade e rara capacidade de tirar dos estudantes o melhor. Quanto ao objeto de suas investigações constatamos muitos temas de interesse. Na Filosofia, destacou-se como historiador das ideias, além de revisar as teses da primeira geração de culturalistas brasileiros e sistematizar uma ontologia culturalista. Nesse processo identificou duas formas basilares de pensar: a platônica-aristotélica, segundo a qual algo subjaz ao que aparece para a consciência, conhecida por metafísica e a transcendental, cuja categoria básica é o fenômeno, isto é, o que há é o que se mostra à consciência, nada permitindo conhecer além dessa aparência. Esses olhares em perspectiva revisam os problemas história afora, renovando a compreensão do mundo. Paim observou que o tema central da filosofia contemporânea é o homem, considerando nuclear entendê-lo em sua dimensão moral naquele sentido proposto por Miguel Reale, o ser do homem é seu dever-ser. E, com base nessas referências, estabeleceu as bases filosóficas do culturalismo. Nessa filosofia, a sociedade é o lugar da realização da pessoa humana identificada pelo exercício da liberdade, do aperfeiçoamento contínuo e responsabilidade moral. Essa sociedade é histórica, preservada a tradição kantiana. Desse modo, acomodou o culturalismo numa metodologia de investigação, estabeleceu as bases de uma ontologia transcendental dedicada ao estudo do homem e do papel da moral na cultura.

Palavras-chave: Filosofia – Perspectivas – Metodologia – ética – cultura.

Summary: We want to start by highlighting Antônio Paim's work as a teacher and advisor, due to his sensitivity, humanity and rare ability to bring out the best in students. Regarding the object of his investigations, we found many topics of interest. In Philosophy, he stood out as a historian of ideas, in addition to reviewing the theses of the first generation of Brazilian culturalists and systematizing a culturalist ontology. In this process, he identified two basic ways of thinking: the Platonic-Aristotelian, according to which something underlies what appears to consciousness, known as metaphysics, and the transcendental, whose basic category is the phenomenon, that is, what there is what is shows consciousness, allowing nothing to be known beyond this appearance. These perspectives review problems throughout history, renewing our understanding of the world. Paim observed that the central theme of contemporary philosophy is man, considering it essential to understand him in his moral dimension in that sense proposed by Miguel Reale, man's being is his duty to be. And, based on these references, he established the philosophical foundations of culturalism. In this philosophy, society is the place for the fulfillment of the human person identified by the exercise of freedom, continuous improvement, and moral responsibility. This society is historical, preserving the Kantian tradition. In this way, he accommodated culturalism in a research methodology, establishing the foundations of a transcendental ontology dedicated to the study of man and the role of morality in culture.

Keywords: Philosophy – Perspectives – Methodology – ethics – culture.

1. Considerações iniciais

Antônio Paim viveu de 1927 a 2021 e foi mestre de várias gerações. É dispensável reconstruir sua biografia, pois ela já se encontra no seu *Curriculum vitae* publicado pela EDUEL no ano 2000, texto que foi elaborado sob sua supervisão. Aos seus alunos e orientandos entusiasmou com a defesa da racionalidade, da liberdade e da democracia. Soube fazê-lo com inteligência, afeto, humanidade e criatividade. Paim admirava Kant e sua inteligência analítica, mas se identificava com a contagiante alegria de viver do diplomata David Hume, um dos mais notáveis representantes do iluminismo britânico.

Há mestres que deixam boas lembranças nos alunos, mas alguns, muito além dessas lembranças, tocam a sua alma. Paim era um desses mestres notáveis que mudam seus alunos para sempre. Ele ia com facilidade ao mundo do estudante, entendia suas dificuldades e identificava o que ele precisava para desenvolver-se pessoal e intelectualmente. Bem orientar, como fazia Paim, é a missão de quem ensina Filosofia e História das ideias já dissera outro notável estudioso da história da filosofia, Emile Bréhier. Isso porque, para pensar filosoficamente, é preciso aprender a fazê-lo. Bréhier dizia que se começa a filosofar com a problematização espontânea da vida do homem e da realidade do mundo. E Paim soube, como poucos, problematizar o homem em nossos dias e fazer dessa atividade a raiz do próprio filosofar. Como estudioso da história das ideias ele destacou onde e porque foram concebidos os diversos sistemas, mostrando que eles se sucederam como interpretação do mundo quando já não respondiam aos problemas para os quais foram construídos. Deixando vivos os problemas que alimentavam novas investigações ele, como Bréhier, mostrou o que, de fato, anima a reflexão. Paim ensinou, com leveza e profundidade, que os problemas animam a investigação, diferenciando-os das perspectivas e sistemas:

A filosofia desenvolve-se em três planos, o das perspectivas, o dos sistemas e o dos problemas. As perspectivas correspondem ao ponto de vista último e são às vezes confundidos com os sistemas. Contudo, distingui-los corresponde a uma questão essencial. As perspectivas antecedem aos sistemas e a eles sobrevivem. Enquanto os sistemas são transitórios, nas perspectivas reside o que há de perene e inelutável na filosofia. E quanto aos problemas constituem o elemento animador da história da filosofia (...) A temática de cada época impõe que sejam considerados de ângulos novos e insuspeitados. Assim, deve-se aos problemas a constituição e o aprofundamento sucessivo da consciência filosófica. (PAIM, 1997, p.23)

Eram múltiplos seus interesses, ele escreveu dezenas de livros, centenas de ensaios e artigos sobre Filosofia com destaque para: Ética, Filosofia Brasileira, Filosofia Política, Filosofia da educação. Também escreveu sobre História, História das ideias e Política.

Além de elaborar estudos dessas diferentes áreas, Paim promoveu a reedição de textos significativos do pensamento brasileiro de difícil acesso aos pesquisadores como a obra de Oliveira Vianna (1883-1889), incluindo trabalhos que ficaram inéditos por 40 anos e as *Obras Completas* de Tobias Barreto, em parceria com Paulo Mercadante. Ele também participou da organização de diversas coleções ligadas ao pensamento brasileiro, entre as quais a *Estante do Pensamento Brasileiro*, dirigida por Miguel Reale, da *Biblioteca do Pensamento Brasileiro*, dirigida por Adolpho Crippa; da *Coleção Pensamento Político Republicano*, dirigida por Carlos Henrique Cardim; e da *Coleção Reconquista do Brasil*, da Editora Itatiaia, que dirigiu com Roque Spencer Maciel de Barros e Ruy Afonso da Costa Nunes. Todas essas coleções trazem textos fundamentais para a filosofia brasileira.

Como está mencionado em *Contribuição contemporânea à História da Filosofia Brasileira: Balanços e Perspectivas*, há obras fundamentais para se entender e aprofundar a compreensão das suas ideias filosóficas. Ali se diz quais são e podemos destacar:

A filosofia no Brasil (1990), de Antônio Joaquim Severino; do verbete que a enciclopédia Logos (1991) lhe dedicou; os *Anais do V Encontro dos Professores e Pesquisadores da Filosofia Brasileira* (1995), voltado para o estudo de sua obra e organizado por Leonardo Prota; do verbete do *Dicionário Bibliográfico dos Autores Brasileiros* (1999), que faz parte da Coleção Básica Brasileira do Senado Federal; do capítulo que lhe dedicamos em *Antologia do culturalismo brasileiro* (1998) e do capítulo XIX do nosso livro *Curso de Introdução à Filosofia Brasileira* (2000), também dedicado à sua obra. Além desses estudos existem artigos que avaliam as diferentes facetas de sua obra. (CARVALHO, 2001, p. 200)

2. Paim e a síntese da escola culturalista

Nosso pensador elaborou uma síntese da filosofia culturalista apontando o que lhe parece sejam seus pontos nucleares. Os 14 pontos que caracterizam o culturalismo encontram-se na clássica obra *História das ideias filosóficas no Brasil*, que na 5. ed. estão nas páginas 724-726. Vamos apresentá-los de forma simples e resumida para depois comentar o que parecem ser os pontos nucleares de seu pensamento.

1. A atividade filosófica, para Paim, se desenvolve em duas perspectivas básicas que estão na raiz de todos os sistemas filosóficos. Trata-se de instâncias últimas da filosofia e que não podem ser invalidadas pela razão. No esforço por entender toda a tradição filosófica o culturalismo não faz apologia de nenhum sistema, procura a todos estudar e compreender como responderam a cada tempo.

2. O conhecimento prático do mundo, como ensinou Kant, é resolvido pela ciência que constrói um discurso válido sobre seu funcionamento. Ela faz isso dividindo a realidade em campos epistemológicos, separando os objetos, evitando as totalidades e os juízos de valor. Portanto, a ciência não concorre com a meditação filosófica, mas essa em muitos sentidos precisa dela.

3. As denominadas ciências humanas se desenvolveram desde o início do século passado e ganharam autonomia desde aqueles dias. Aos poucos seu reconhecimento se aproximou daquele gozam as ciências naturais. Algumas delas ganharam autonomia e independência em relação à filosofia. Paim mencionou, entre essas ciências, a economia, achando-se a caminho a administração, a pedagogia e a psicologia. Contudo, Paim considerou que algumas não podem perder o vínculo com a Filosofia e mencionou especificamente: o direito, a história e a moral.

4. Embora os autores culturalistas lidem com a relação entre Filosofia e Ciência como se encontra no item acima, essa não é uma preocupação essencial do culturalismo, que privilegia a inquirição ontológica. No entanto, a defesa da ciência e de seu papel social precisa ainda ser feito, especialmente em virtude do momento que passamos recentemente.

5. A ontologia culturalista pretende descrever o ser do homem e dá ênfase à atividade. Nesse sentido, tudo o que o homem produz como forma de alcançar uma vida melhor e mais adequada aos princípios éticos deve ser considerado.

6. Assim para nosso pensador: “a criação humana, ou seja, a cultura, corresponde ao cabedal de bens objetivados pelo espírito humano na realização de seus fins específicos.” (PAIM, 1997, 725)

7. Ao descrever a cultura dessa forma, ele distancia o plano das ideias, que se desenvolve de forma própria em resposta aos problemas de uma sociedade. E se desenvolve junto com o conjunto da atividade cultural e dela recebe inspiração.

8. A autonomia do pensamento, que se observa no interior da cultura, expressa-se principalmente através do aprofundamento dos problemas filosóficos.

9. E o que são os problemas filosóficos? “eles consistem naquelas questões tornadas controversas no próprio curso da filosofia, mas também naquelas suscitadas pela evolução cultural. O culturalismo pretende restaurar o projeto hegeliano, na fase

inicial de sua formulação, logo abandonado para investigar a origem histórico-cultural das categorias.” (PAIM, 1997, 726)

10. São os valores os aspectos estruturantes da cultura. Quando examinamos uma cultura e entendemos o modo como ela se estrutura: “isso permite compreender a singularidade da cultura ocidental e as possibilidades de desenvolvimento manifestadas nos ciclos civilizatórios em que ela se subdivide.” (PAIM, 1997, 726)

11. A nossa cultura tem valores que considera intocáveis, eles são aqueles que Miguel Reale denominou de invariantes axiológicas.

12. Na evolução histórica, constituem-se unidades que têm sido denominadas de civilizações, singularizando-se por uma particular hierarquia de valores.

13. E aqui estamos num ponto fundamental da escola na avaliação de Paim: “Ao dizer que o ser do homem é o seu dever-ser, seguindo a Miguel Reale, o culturalismo não quer ressuscitar a noção de substância estática, mas o ser em sua forma predicativa, apta a proporcionar o entendimento da pessoa humana projetada no tempo. Ao incorporar aquela noção cristã, a cultura ocidental caracteriza-se justamente pela longa elaboração de um ideal de pessoa humana.” (PAIM, 1997, 726)

14. Finalmente, ao examinar o que é o espírito, seguindo as formulações fenomenológicas de Nicolai Hartmann, identificando-o com o pensamento e reconhecendo no homem um ser pensante isso permitiu afastar-se do idealismo absoluto hegeliano, eliminando todos os riscos de ser confundido com ele. E, os autores contemporâneos da escola, além disso, seguem a hierarquização dos estratos da realidade preconizada por Nicolai Hartmann.

3. Núcleo comentado do pensamento filosófico de Paim

Como Paim tinha vários núcleos de interesse e deixou trabalhos importantes em quase todos, não é razoável tentar abarcar toda sua herança intelectual numa comunicação. Em 2009, quando do seu aniversário de 80 anos, Leonardo Prota e Aquiles Guimarães organizaram um livro em sua homenagem onde foram comentados os diferentes aspectos de sua contribuição intelectual. Os organizadores lembraram na ocasião que: “poucos educadores tiveram a ventura de exercer uma influência tão marcante na geração de estudiosos da filosofia e em particular do pensamento político.” (GUIMARÃES e PROTA, 2009, p.9) Braz Teixeira comentou os estudos de Paim sobre ética, Ricardo Vélez Rodríguez suas análises do pensamento brasileiro, Aquiles Guimarães sistematizou os estudos do kantismo, Ana Maria Moog o trabalho do mestre como historiador das ideias, Leonardo Prota as críticas que elaborou ao marxismo, Creusa Capalbo destacou seu compromisso com a democracia e o estado de direito, Oswaldo Leite seu legado como pesquisador, Selvino Malfatti sua atuação como professor e amigo, Regina Pereira e Rosilene Pereira suas ideias educacionais, Dinorah Castro seu esforço na montagem do Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro na Bahia e eu resumi, naquela ocasião, suas ideias filosóficas.

Vou voltar ao assunto não para repetir o já dito, mas porque, mesmo pouco comentado, as meditações filosóficas de Paim são, para mim, o que ficou de mais significativo de suas contribuições. Ele acolheu as teses da primeira geração de culturalistas constituída entre outros por Tobias Barreto, Artur Orlando, Miguel Reale e estabeleceu, a partir desse legado, as bases de uma ontologia culturalista. É isso que desejo recordar.

Começemos recordando o que significa o culturalismo. Como movimento filosófico ele é uma derivação do neokantismo. Paim esclareceu que se: “trata de movimento muito complexo e que teve vida relativamente longa na própria Alemanha, onde se mantém atuante apesar das tragédias vivenciadas pelo país naquele século, espraiando-se para outros países, entre os quais o Brasil.” (PAIM, 1995, p.15)

E como entender o afastamento do neokantismo pelos culturalistas? Já tivemos oportunidade de comentar esse assunto:

Sabemos que os intérpretes imediatos da filosofia de Kant foram os idealistas alemães. O movimento teve um impacto profundo na tradição filosófica e trouxe inúmeras contribuições como a descoberta da historicidade da consciência. No entanto, o idealismo acabou promovendo o afastamento da obra de Kant. O interesse pelo retorno a obra mesmo de Immanuel Kant ocorreu na segunda metade do século XIX depois da publicação do livro de Oto Liebman *Kant e seus epígonos* (1865). O estudo do neokantismo foi assumido então por Hermann Cohen autor de *A teoria da experiência em Kant* (1871). Cohen fundou a chamada escola neokantiana de Marburgo. (CARVALHO, 2010, 96)

Esse retorno a Kant não considerou a parte prática de seu pensamento e foi a isso que os culturalistas localizados em Baden quiseram enfrentar? Como já se teve oportunidade de resumir:

Esta avaliação retomou o entendimento de Kant da singularidade da vida cultural e de seu suporte moral. Estes estudos foram realizados pela *Escola de Baden*. O articulador desta última escola foi Wilhelm Windelband, autor de *Prelúdios* (1884). Para ele podemos olhar a realidade de duas formas, descrevendo-a objetivamente (juízos de realidade) ou valorando os fatos por sua beleza, utilidade e bondade (juízos de valor). Windelband conclui que os juízos de realidade são formulados pela ciência e os de valor são próprios da filosofia. Discípulo de Windelband, Heirinch Rickert pensa a criação humana como resultado da concretização dos valores. Rickert aproximou o legado de Cohen da fenomenologia de Husserl, pois Scheler e Hartmann concluíram, como já o fizera Husserl, pela objetividade dos valores. Rickert examinou a questão da existência do valor em seu último livro *Os problemas fundamentais da filosofia* (1934). Para ele, os valores adquirem sentido de eternidade, embora nasçam na história. Ele ainda chama atenção para o desafio humano de se guiar pelos valores em todas as atividades. (CARVALHO, 2010, 97)

Portanto, os primeiros culturalistas alemães, acolhendo a perspectiva de Kant, desejavam solucionar os problemas que o filósofo das *Críticas* não enfrentou e que os neokantianos de Marburgo não resolveram. Isso significou, na avaliação de Paim, que teriam que examinar a cultura a partir de filosofia prática de Kant. O resultado desse exame foi dar à cultura uma condição privilegiada considerando-se as descobertas desses pensadores como: “dotadas de validade absoluta, o que não significa transformarem-se em categorias estáticas, podendo, ao contrário, merecer diferente angulação segundo o desenvolvimento e a diversificação do contexto histórico.” (PAIM, 1995, p.121)

Para pensar a ontologia culturalista, Paim examinou toda essa evolução do neokantismo. Somente depois explicou em que consiste a criação filosófica. Para ele, toda a produção da inteligência humana ganha complexidade com o tempo. Então, parece-lhe que, como já se comentou:

Coube a Hegel propor uma nova maneira de pensar o ser desvinculada da tradição clássica. O filósofo considerou a criação filosófica em si mesma, ao defender e explorar a liberdade do espírito deixou para trás a exterioridade filosófica. Ele compreendeu a produção filosófica como um ato livre do homem, que por ser um ente circunstanciado não realiza um saber definitivo. A razão defronta-se, nesta hora, com o mistério do ser. O tempo na consciência tornou-se dimensão ontológica fundamental e a consciência temporal um espaço para a liberdade. É precisamente por este motivo que se pode apreender a autonomia das ideias. (CARVALHO, 1998, p. 80/1)

Quanto à forma de pensar o ser, Paim avaliou que o primeiro plano e o mais radical em que se encontram os estudiosos da Filosofia é o das perspectivas, às vezes

confundido com os sistemas, mas que corresponde a uma espécie de ponto de vista irreduzível da meditação. Ele sintetizou o tema contrapondo a metafísica grega ao transcendentalismo kantiano. Na base da criação filosófica ele reconheceu, a existência de duas visões básicas: a platônica-aristotélica, segundo a qual algo subjaz ao que aparece para a consciência, conhecida por metafísica e uma outra denominada transcendental, cuja categoria básica é o fenômeno, isto é, para a qual o mundo se mostra à consciência, nada permitindo dizer além dessa aparência. Para Paim, esses dois olhares antecedem a construção dos sistemas filosóficos e a eles sobrevivem. Como visões que estão na raiz do pensamento: “são irreconciliáveis as perspectivas transcendente e transcendental, no sentido de que tomam pontos de partida diametralmente opostos. Em face deste ou daquele problema podem influir-se mutuamente, mas se constituem em pontos de vista últimos e irrefutáveis.” (PAIM, 1995, p. 113)

Enquanto os sistemas são transitórios: aristotelismo, tomismo, cartesianismo, por exemplo, estavam destinados a serem superados porque são respostas a um certo tempo e lugar, nas perspectivas reside o que há de permanente, animando o debate das sucessivas gerações. Isto é, as perspectivas são insuperáveis o que significa que não são refutáveis teoricamente, mas convivem uma ao lado da outra. A escolha de uma delas depende de componentes que ultrapassam a justificação racional e envolvem aspectos singulares de cada pensador. Sobre o assunto ele acolheu a argumentação de Fichte sobre o assunto e repete suas palavras:

A filosofia que se escolhe depende do homem que se é, um sistema filosófico não é, com efeito, um instrumento morto que se poderia aceitar ou rejeitar sem maior problema; é, ao contrário, animado pelo espírito do homem que o possui. Assim, pretendeu resolver o problema da escolha recorrendo aos interesses e ao caráter. (PAIM, 1995, p.114)

Por sua vez, cada sistema filosófico revela o esforço dos filósofos para estruturar a totalidade do saber a partir da perspectiva que o sustenta. Cada filósofo assim procede recuperando os problemas que vêm desde o início da filosofia ou enfrentando outros que a vida renova junto com as novas gerações de homens. Nesse sentido, essa metodologia estruturada por Paim acomoda a questão fenomenológica que considera as indagações o motor do pensamento: “Filosofar significa estar a caminho. As interrogações são mais importantes do que as respostas e cada uma destas transforma-se em nova interrogação.” (JASPERS, 1987, p.13)

Apresentada a metodologia podemos dar um passo adiante. Paim assumiu como importante um tema caro à filosofia moderna e com a qual esteve envolvido Immanuel Kant, o diálogo filosofia e ciência. Uma vez estabelecido por Kant as razões da validade da ciência moderna, o mestre de Königsberg deixou aberta a porta para reconhecer que cabe a ela fazer o discurso sobre o funcionamento do mundo. A Filosofia examina os fundamentos da ciência, explica as razões de sua validade, mas feito isso segue noutro sentido, por que tem outros problemas e propósitos. Então, nesses dias em que estivemos diante de um negacionismo quase medieval do papel da razão e a ciência, considerar o significado da ciência reaparece quando já imaginávamos que o assunto estivesse superado. Na esteira do que foi feito pelos fenomenólogos e tomo a Husserl como referência, Paim reconheceu que as ciências humanas possuem métodos e pressupostos próprios, mas, com seu desenvolvimento, não deixam de assumir características que as aproximam das ciências naturais.

A tradição filosófica consagrou vários problemas, mas desde Kant o principal tornou-se desvendar o ser do homem. Já fizemos um resumo desse assunto lembrando Kant que usou um método rigoroso de investigação onde resumiu os problemas mais importantes da filosofia em três questões: “*O que eu devo fazer? O que eu posso esperar? O que é lícito esperar.*” Essas questões indicaram a necessidade de investigar primeiro o que o homem é antes de tentar responde-las. Esse é o assunto principal desde então.

Entender o que é o homem representa o que há de novo na Filosofia contemporânea.” (CARVALHO, 2018, p.16) Esclarecidas as razões pelas quais o homem é o grande problema hodierno, Paim percebeu que a chave para o entender é sua dimensão moral que acolheu como fundamento da cultura. Isso não significa que ele seja moral ou que possa se tornar uma criatura perfeitamente moral. Paim acolheu a noção de Max Weber para quem a meditação moral de Kant precisava considerar o contexto em que estava e a isso chamou de ética da responsabilidade.

O que a escola culturalista reconheceu foi que a tradição ocidental acabou identificando um conjunto de valores que possuem validade absoluta. E Paim dá exemplos do que são esses valores: “a inviolabilidade da pessoa, o autoaperfeiçoamento, a ordem jurídica, o bem-estar material, a preservação e o aprimoramento do saber, a participação na vida política – eis aí uma pequena amostra daquele conjunto que constitui nosso ideário.” (PAIM, 1995, p.124)

Quando estudamos a tradição ocidental conseguimos observar a evolução das teses filosóficas até chegarem à configuração atual. Paim considerou uma boa síntese dessa evolução a tese do *jus filósofo* brasileiro Miguel Reale para quem o ser do homem é seu dever-ser. E ao fazê-lo concluiu que o homem é um mundo inesgotável: “nenhum homem, mesmo em momentos cruciais de sua existência, terá tido a possibilidade de apreender-se ou de revelar-se para os outros em sua inteireza.” (PAIM, 1995, p.131) Tal impossibilidade justifica-se porque é: “no futuro que se delineiam melhor os contornos ou as virtualidades de cada pessoa.” (PAIM, 1995, 132) E como o futuro acolhe os compromissos de cada um com o seu sentido ideal, o dever-ser do homem se realiza na construção de uma cultura que é histórica e lhe dá sentido ético. Então, a noção de progresso vinda de Hegel ganha nessa formulação de Paim um sentido moral, não histórico ou metafísico. O espaço social converte-se no lugar da realização da pessoa humana identificada pelo exercício da liberdade, do aperfeiçoamento contínuo e responsabilidade moral: “é certo que a moral não se reduz ao ideal de pessoa humana. Esse, contudo, representa o seu núcleo e corresponde à fonte inspiradora de grande parte das relações abrangidas pela moralidade.” (PAIM, 1995, p.134)

A expressão moral do homem e do seu desafio ético torna-se o eixo da filosofia assumida por Paim. Isso significa que a cultura é expressão do dever-ser do homem: “Sendo a cultura a esfera das intencionalidades objetivadas ao longo da evolução histórica, em que consiste o seu substrato último? Trata-se da moral ou do dever-ser.” (PAIM, 1995, p.121) O culturalismo é, pois, a filosofia que nasceu da dimensão ética do kantismo e: “pelo seu comprovado valor heurístico, corresponde à filosofia de nosso tempo e, muito provavelmente, do futuro imediato.” (PAIM, 1995, p.122) A escola é, adicionalmente, aquela que melhor acolhe as indagações contemporâneas da filosofia do direito, da educação e da história. Parece-lhe, olhando a atividade ou a produção cultural que a cultura resulta dos bens objetivados pelo espírito humano.

O culturalismo passou a olhar a tradição cultural do ocidente reconhecendo valores como liberdade, responsabilidade, verdade, etc. que foram percebidos como absolutos ainda que cada geração aprimore sua compreensão desses valores. Assim, os representantes da escola avaliaram que cada civilização teve uma particular hierarquia axiológica; o espírito humano se mostra de modo próprio em cada momento da tradição nas diferentes gerações para usarmos o termo de Ortega y Gasset, eliminando-se a possibilidade de identificar essa forma de olhar o espírito com o idealismo hegeliano.

Quanto ao entendimento da História, Paim a deriva da tradição judaico-cristã e sua escatologia, lida numa perspectiva axiológica: “A História como o conjunto das ciências humanas está inelutavelmente envolvida com a questão do valor, que pressupõe uma plena explicitação do que sejam avaliações valorativas de seu intérprete.” (PAIM, 1995, p.147) Durante muitos séculos essas avaliações tiveram uma inspiração religiosa como na proposta agostiniana. Porém, observa nosso pensador, na modernidade e depois de Vico, essa leitura que reconhece um fim na história ganhou uma compreensão laica.

E essa forma de pensar Paim retirou do filósofo português Antônio Quadros, que será estudado nesse colóquio e para quem o desenvolvimento moral da humanidade se encontra, em germe, na pregação dos profetas de Israel e foi sistematizada por Santo Agostinho, no livro X da Cidade de Deus. O pensador português ensinou que para pensar o finalismo presente na História era necessário considerar a uma teoria e profecia que justificasse a dimensão escatológica. A passagem da teoria aos fatos: “não se dá de forma linear porquanto os homens são dotados de livre arbítrio.” (PAIM, 1995, p.148)

Paim esclarece que segundo o pensador português:

Os fatos, no seu possível e carecente registro, são inertes e mortos, encontram-se mergulhados num tempo desaparecido, foram o produto de organismos e circunstâncias de que não se pode ter a já experiência ou a vivência. Em consequência, só podem reanimar-se, revivificar-se, ganhar um sentido quando referidos a uma vivência concreta do real, a uma intuição viva do tempo e do movimento, a um exercício da razão em toda a frente de conhecimento racional, aliado ao conhecimento direto e concreto do ser, a que só os existentes podem ascender. (PAIM, 1995, p.148)

Foi essa proposta de aprimoramento ético da humanidade, vinda do cristianismo, que a modernidade acolheu, laicizando-a. Portanto, acompanhar Antônio Quadros significou, para Paim, assumir que: “a filosofia escatológica da história não é, portanto, um guia de ação para os próprios historiadores, mas uma forma especial de difundir a mensagem do cristianismo.” (PAIM, 1995, p.150) Se esse ideal ficou comprometido em alguns historicismos como no de Hegel, o culturalismo o repropôs como experiência moral naquilo que Miguel Reale resumiu como historicismo axiológico.

A filosofia da história de Paim igualmente tem raízes no neokantismo, mas se desenvolve com elementos próprios. Para ele: “a filosofia culturalista da história retém o posicionamento neokantiano quanto à natureza da reconstrução histórica, com o que se mantém fiel ao essencial da perspectiva transcendental.” (PAIM, 1995, p.176) Entretanto, ele radicalizou elementos encontrados nos neokantianos para entender que: “toda mudança social relevante pressupõe uma prévia mudança na valoração.” (PAIM, 1995, p.177) E no diálogo com as ciências sociais em seu atual momento avalia que: “o progresso da quantificação no âmbito das ciências sociais não é incompatível com a sobrevivência da meditação filosófica acerca das totalidades como o homem, o espírito ou a história.” (PAIM, 1995, p.184)

4. Considerações finais

Paim teve o mérito de organizar, de forma própria, os pontos fundamentais da escola culturalista, destacando especialmente as contribuições dos brasileiros e o diálogo que fizeram com a Escola de Baden. Não se pode esquecer que foi ele quem primeiro identificou na meditação de Tobias Barreto a influência de Kant e nem que ele antecipou as teses discutidas quase vinte anos depois pela Escola de Baden. Nessa formulação, ele acomodou uma metodologia de investigação, estabeleceu as bases de uma ontologia transcendental dedicada ao estudo do homem, e sistematizou o papel da moral na cultura. Ele mostrou ainda que, contrariamente à diversas formas de determinismos, a idealidade tem ritmo autônomo, embora em interação com os outros aspectos da cultura. Sua dinâmica busca encontrar uma verdade fundante das demais que sabe ser inalcançável, mas que alimenta a procura por todas as outras. Essa autonomia do espírito se mostra especialmente no modo como a tradição filosófica considera seus problemas. De forma simples pode-se dizer que a filosofia dialoga com outros aspectos da cultura, mas segue dinâmica própria que nasce da análise das questões que examina. Embora o pensamento religioso autoritário tentasse historicamente controlar os seus caminhos e, mais

recentemente, o pensamento político tentasse o mesmo, ambos não tiveram êxito e a meditação filosófica manteve sua liberdade. A autonomia da componente intelectual se dá nos mesmos termos formulados por Jaspers, para quem ela se estabelece: “sem correlação com uma verdade historicamente mais vasta.” (JASPERS, 1987, p.127) Tudo isso propôs Paim sem deixar de acolher aquela metáfora orteguiana de um pensamento filosófico que vive o continuado aprofundamento de compreensão da verdade: “Os grandes problemas filosóficos requerem uma tática similar à que os hebreus empregaram para tomar Jericó e suas rosas íntimas: sem atacar direto, circulando em torno lentamente, apertando a curva cada vez mais e mantendo vivo no ar o som de trombetas dramáticas.” (ORTEGA Y GASSET, 1997, p.279)

Referências

- CARVALHO, J. M. de. *Antologia do culturalismo brasileiro*. Londrina: EDUEL, 1998. 300 p.
- CARVALHO, J. M. de. *Contribuição contemporânea à História da Filosofia Brasileira: balanços e perspectivas*. 3. ed. Londrina: EDUEL, 2001. 605 p.
- CARVALHO, J. M. de. *Ética*. São João del-Rei: UFSJ, 2010. 240 p.
- CARVALHO, J. M. de. *O homem e a filosofia; pequenas reflexões sobre a existência e a cultura*. 3ª ed. revista e atualizada. Porto Alegre: MKS, 2018. 343 p.
- GUIMARÃES, A. C. e PROTA, L. *Filosofia e cultura, escritos em homenagem a Antônio Paim*. Londrina: Humanidades, 2009. 208 p.
- JASPERS, K. *Iniciação filosófica*. Lisboa: Guimarães, 1987. 159 p.
- ORTEGA Y GASSET, J. Qué es filosofía? p. 273-438. *Obras Completas*. v. VII. Madrid: Alianza, 1997.
- PAIM, A. *A problemática do culturalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. 196 p.
- PAIM, A. *História das ideias filosóficas no Brasil*. 5. ed. revista e atualizada. Londrina: UEL, 1997. 760 p.
- PAIM, A. *Curriculum Vitae*. Londrina: EDU

Doutor em Filosofia, UGF, 1990
E-mail: josemauriciodecarvalho@gmail.com